

Saúde



NOVA POLEMICA

Jejum intermitente divide ciência

Estudo apontou risco cardíaco, mas pesquisadores contestam conclusão

CONSTANÇA TATSCH
constanca.tatsch@globomail.com.br

As "tias do rap" foram muito ouvidas por milhares de sobrinhos Brasil afora. "Não tome vacina." "Aquele remédio vai te proteger da Covid-19." "Máscara não adianta nada." "Comer tal coisa evita câncer". E por aí vai. Médicos, cientistas e a mídia profissional se esforçavam para serem ouvidos sobre o que era informação de saúde confiável. E, inevitavelmente, parece que começaram a vencer a batalha.

A empresa de pesquisas e insights brasileira Hibou, que atua há 18 anos no mercado, realizou um levantamento ao qual O GLOBO teve acesso com exclusividade, mostrando que, nos últimos dois anos, o percentual de pessoas que dizem obter "informações confiáveis sobre saúde" por meio de aplicativos de mensagem, como Whatsapp e Telegram, despencou de 31% para 7%. As redes sociais também perderam em credibilidade, passando de 17% em 2022 para 9% em 2024.

No sentido oposto, as pessoas voltaram a buscar informações nos jornais, redes de TV e sites de notícia profissional: de 57%, 71% passaram a recorrer à TV aberta e de 21% a 29% aos portais de notícias.

A pesquisa também perguntou às pessoas onde havia "conteúdo verdadeiro" em canais digitais, de forma geral: 55% disseram que em sites de informação específicos e 51% em sites de mídias conhecidas. Apenas 15% citaram as mensagens recebidas de sua lista de contatos (contra 39% em 2022).

Na pesquisa feita pela Hibou sobre fake news, entre 20 categorias, saúde foi a área considerada mais importante pelas pessoas quando se fala em desinformação.

— Foi pela saúde que o brasileiro passou a considerar mais importante checar a fonte e verificar se as informações são verdadeiras ou não — explica Lígia Mello, fundadora e vice-presidente de estratégia da Hibou. — O que a gente entendeu é que a eleição de 2022 e a pandemia colocaram as pessoas em xeque, elas receberam muita coisa que não era verdade. Questionaram: "Será que aquilo é mentira?" e começaram a entender que o Whatsapp é um canal seguro, mas o conteúdo não ali era. Aí vem o aumento do uso da TV aberta, como um contraponto.

Para Mello, durante a pandemia havia toda a discussão entre tomar vacina ou não, ficar em casa ou não, usar máscara ou não. Depois que ela acabou, a importância da vacina ficou provada, assim como a veracidade das notícias.

Quando questionados "Quais destes canais fora da internet você acredita que tenham o conteúdo mais verdadeiro?", os participantes citaram, em primeiro lugar, os médicos (49%). Em segundo, estavam nomes de jornalistas conhecidos/reconhecidos, com 46%.



MAIS NEWS, MENOS FAKE

Pesquisa mostra que busca por informações confiáveis de saúde cresceu no Brasil

— As pessoas enxergam no jornalista quase a mesma força que o médico. Elas querem a informação na raiz, de verdade. Da esperança que estão entendendo que não é porque tenho o Whatsapp que tudo que chega ali é verdade. Todo mundo está falando de fake news, e a gente vê que, se bater na tecla da informação, o brasileiro aprende. Ele entendeu que quando algo pode não ser verdade, há como verificar. Esperamos ter um país melhor".

Lígia Mello, vice-presidente de estratégia da empresa de pesquisas Hibou

DIRETO NA FONTE

Os dados levantados pela Hibou com 2.084 entrevistados em todo o Brasil corroboram uma percepção que a classe médica já começa a sentir. Ao saber os números da pesquisa, o infectologista e professor da Unesp Alexandre Naime Barbosa, coordenador científico da Sociedade Brasileira de Infectologia, foi questionado se eles faziam sentido na sua prática:

"Se bater na tecla da informação, o brasileiro aprende. Ele entendeu que quando algo pode não ser verdade, há como verificar. Esperamos ter um país melhor".

"A justiça tarda, mas não falha, e com a ciência é a mesma coisa. A ciência sempre vence no final. É isso que está acontecendo".

Alexandre Naime Barbosa, infectologista e professor da Unesp

— Completamente. Eu já tinha essa percepção. Nas minhas redes, a busca, inclusive na minha caixa de entrada, com perguntas e interação de conteúdo, está muito maior. Não de usuários antigos, mas de pessoas novas buscando informação. Como divulgador científico de longa data e professor, vejo que as pessoas estão aprendendo a não confiar em mensagens que não tenham suporte e um suporte de qualidade. Talvez tenha sido uma contribuição da pandemia, que as pessoas tenham aprendido a checar.

Naime Barbosa dá um exemplo recente: uma pessoa "graduada em medicina" postou no X (antigo Twitter) que a ivermectina (medicamento contra vermes e parasitas, que foi envolvido em fake news de que trataria Covid-19) poderia ser usada contra dengue. Os seguidores do médico o procuraram para avaliar aquele conteúdo: — Os seguidores trou-

ram a fake news, porque as pessoas estão mais atentas. Mostra que o brasileiro vem melhorando. A internet e as mídias sociais são ferramentas fantásticas, mas tem que ser bem usadas.

Segundo Naime Barbosa, outra prova de que a desinformação está diminuindo é o aumento da cobertura vacinal no Brasil, que ainda não chegou à meta, mas "já melhorou muito".

NOVA MÍDIA

O jornalista e colunista do GLOBO Pedro Dória, criador do Canal Meio e especialista em mídia digital, é cauteloso em relação à diminuição na propagação de fake news sobre saúde. Ele afirma que, como atualmente existe uma repressão social em relação ao tema, algumas pessoas podem tentar responder o que o pesquisador supostamente quer ouvir. Outro aspecto a ser considerado é que há um grupo de pessoas que hoje se recusa a participar de pesquisas.

No entanto, Dória considera que é uma questão de tempo para que as pessoas aprendam a lidar melhor com os canais digitais e saibam filtrar melhor as informações de qualidade.

— A gente não saiu do mundo da desinformação ainda, tem chão para correr, mas em algum momento as pessoas vão aprender a usar a internet. Só que talvez demore mais dez, 15 anos. O rádio elegeu Hitler e Mussolini porque qualquer demagogo que dominasse essa mídia na época se elegeria, é igualzinho com a internet. Mas, depois dos anos 1950, isso já não bastava. Tudo aquilo que a tecnologia nova passou. Uma hora as pessoas se acostumam com o meio, mas isso é algo para uma geração, coisa de uns 20 anos — afirma.

Apesar de acreditar que esse processo vai levar pelo menos uma década, o jornalista não descarta que possa vir uma surpresa, considerando a velocidade das mudanças tecnológicas e a necessidade de adaptação a elas.

— O ritmo de desenvolvimento tecnológico é muito diferente hoje, mas o que conta aí é esse ritmo ou o tempo de se adaptar à mudança? Talvez a gente tenha começado a se adaptar à mudança mais rapidamente, até mesmo do ponto de vista emocional, pode ser — provoca Dória.

O infectologista Alexandre Naime Barbosa se mantém otimista.

— A gente tem uma plataforma (entre médicos e pesquisadores), que é a seguinte: a justiça tarda, mas não falha, e com a ciência é a mesma coisa. A ciência sempre vence no final. É isso que está acontecendo. Como diz o ditado: pode-se enganar uma pessoa muito tempo, muitas pessoas por pouco tempo, mas não dá para enganar todo mundo o tempo todo — afirma.